

Collor e Covas no ninho peemedebista

CATARINA GUERRA

A perspectiva de eleições diretas para a ocupação do cargo de maior concentração de poderes no País não está empolgando uma parcela muito especial da população — a dos “notáveis”, figuras que há várias décadas acompanham a história brasileira de posições privilegiadas e, portanto, portadores de opiniões que merecem ser escutadas com muita atenção.

Dos cinco “notáveis” ouvidos pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, só dois estão engajados ativamente em uma campanha: o jurista Sobral Pinto, que vota no candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, e o escritor Antônio Callado, que torce pela vitória do candidato do PDT, Leonel Brizola.

O senador Afonso Arinos vota no candidato do seu partido, Mário Covas, mas não está muito entusiasmado pela disputa. Parlamentarista ferrenho, Afonso Arinos con-

sidera “uma loucura” insistir na manutenção do sistema presidencialista no Brasil num momento tão delicado da história nacional.

Arinos adverte que o próximo presidente com chance de ser eleito não reunirá sequer 10 por cento de representatividade no Congresso, e acredita que isso possa causar uma dificuldade muito grande para o Executivo, que “ameaça ficar paralisado”. Mas o senador prefere esperar a renovação do Congresso para apresentar a emenda parlamentarista.

O jornalista Barbosa Lima Sobrinho, vice de Ulysses Guimarães na sua anticandidatura à Presidência da República, em 1974, pretende votar “no candidato de esquerda com maiores chances de chegar ao segundo turno”.

Os programas exibidos durante o horário eleitoral gratuito têm sido, segundo a avaliação do jornalista,

“úteis” para o esclarecimento do eleitorado, mas Barbosa Lima acredita que o passado dos candidatos deveria ser melhor explorado pelos adversários.

Barbosa Lima é contra o direito de resposta aos ataques. Ele entende que cada um deva se utilizar do tempo que dispõe para se defender de eventuais ataques. Prefere não traçar o perfil do candidato ideal: “Todos eles, pelos programas, estão dispostos a resolver os principais problemas brasileiros”, afirma o jornalista.

Por outros motivos, o arcebispo de Olinda, dom Hélder Câmara recusa-se taxativamente a dar qualquer opinião pessoal sobre o processo sucessório: “Vou manter a discrição porque não quero influir”, esquivando-se o religioso, seguindo à risca a instrução da CNBB para que a Igreja não se partidarize.